UWA'KÜRÜ ÜÜÜÄÄKÄKIKO

Dicionário analítico







Rio Branco - Acre - Brasil

Diretor administrativo:

Marcelo Alves Ishii

Conselho Editorial

Agenor Sarraf Pacheco - UFPA

Ana Pizarro - Universidade Santiago/Chile

Carlos André Alexandre de Melo - UFAC

Elder Andrade de Paula - UFAC

Francemilda Lopes do Nascimento - UFAC

Francielle Maria Modesto Mendes - UFAC

Francisco Bento da Silva - UFAC

Francisco de Moura Pinheiro - UFAC

Gerson Rodrigues de Albuquerque - UFAC

Hélio Rodrigues da Rocha - UNIR

Hideraldo Lima da Costa - UFAM

João Carlos de Souza Ribeiro - UFAC

Jones Dari Goettert - UFGD

Leopoldo Bernucci - Universidade da Califórnia

Livia Reis - UFF

Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro - UFAM

Marcela Orellana - Universidade Santiago/Chile

Marcello Messina - UFAC

Marcia Paraquett - UFBA

Maria Antonieta Antonacci - PUC/SP

Maria Chavarria - Universidad San Marcos

Maria Cristina Lobregat - IFAC

Maria Nazaré Cavalcante de Souza - UFAC

Miguel Nenevé - UNIR

Raquel Alves Ishii - UFAC

Sérgio Roberto Gomes Souza - UFAC

Sidney da Silva Lobato - UNIFAP

Tânia Mara Rezende Machado - UFAC

UWA'KÜRÜ

Dicionário analítico

Uwa'kürü

Dicionário analítico

Organização Gerson Albuquerque Agernor Sarraf Pacheco



Todos os verbetes reunidos nesta edição são de responsabilidade de seus autores. editoranepan@gmail.com

Projeto Gráfico e Arte final da capa: Raquel Alves Ishii

Diagramação: Marcelo Alves Ishii

Revisão Técnica: Gerson Rodrigues de Albuquerque

Financiamento: PROAP - CAPES / Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UFAC



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

U95u

Uwa'Kürü: dicionário analítico / organização Gerson Rodrigues de Albuquerque, Agenor Sarraf Pacheco. – Rio Branco: Nepan, 2019.

211 p.: v.4

Formato em E-book - PDF

Inclui referências bibliográficas.

ISBN: 978-85-68914-72-4

- 1. Dicionário analítico. 2. Dicionário Amazônia. 3. Linguagem e sociedade.
- I. Albuquerque, Gerson Rodrigues de. II. Pacheco, Agenor Sarraf. III. Título.

CDD: 469.798

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO8	3
Gerson R. Albuquerque (UFAC) Agenor Sarraf-Pacheco (UFPA)	
ACEIRO)
ALTO ACRE)
ANTITERCEIROMUNDISMO 29 Yvonélio Nery Ferreira)
ATELIÊ PEDAGÓGICO)
BISCATEIRO	3
CABOCLO	ŀ
CAMELÔS — DA BENJAMIN CONSTANT —)
CIDADE DO POVO	7
COOFICIALIZAÇÃO DE LÍNGUAS	}
CORRERIAS	3
CURRÍCULOS EM DEVIR	ŀ
DAIME	
FAMP9 I Raildo Brito Barbosa	
FRONTEIRA POLÍTICA	
LÍNGUA DE SINAIS)

MANOEL URBANO	110
MATIAS Débora Almeida	118
PORONGA	146
QUADRILHA JUNINA	152
(RE)EXISTÊNCIA LINGUÍSTICA	156
RIO BRANCO	163
TERRA DOS NÁUAS	202
INFORMAÇÕES SOBRE O(A)S AUTORE(A)S	209



APRESENTAÇÃO

wa'kürü – Dicionário Analítico é um rio de palavras, dissemos na apresentação do volume I, no ano de 2016. Desde então mais de cinquenta professores e pesquisadores de diferentes instituições e localidades abraçaram a causa deste projeto político-acadêmico, aceitando contribuir com as reflexões propostas, com verbetes em torno de temas, palavras e coisas amazônicas e não-amazônicas; temas, palavras e coisas dos tempos presentes, das mulheres e homens dos tempos presentes.

Neste quarto volume, o rio de palavras amplia suas margens com a colaboração de mais vinte e quatro autoras e autores, suas propostas temáticas, pesquisas, abordagens, perspectivas e disposição em contribuir na construção desse projeto coletivo. No trânsito dos verbetes, nosso dicionário analítico vai assumindo, cada vez mais, o caráter plural que norteou as bases de seu lançamento, há quatro anos, e isso nos deixa felizes não apenas por promover a publicação, mas pela possibilidade de canalizar diferentes maneiras de pensar nossos lugares no mundo e contribuir coletivamente com a produção/transmissão/socialização de saberes e conhecimentos.

Cremos que nosso desafio é continuar nesse caminho, apesar do cotidiano de ameaças e atentados contra a educação pública e gratuita e, em especial, contra à universidade brasileira, alvejada pelo espetaculoso desgoverno que vive o Brasil, capitaneado por gestores que lidam com a coisa pública como se fosse as cozinhas de suas casas; gestores orgulhosos da própria mediocridade, somada à incompetência e atos/palavras autoritárias. Autoritarismo que se manifesta em escala continental como é possível depreender dos violentos processos experimentados recentemente em países sulamericanos, com destaque para o dissimulado golpe de estado na Bolívia.

Manter a publicação anual deste dicionário tem a ver com a perspectiva de manter acesa a chama do diálogo e das fraternais relações de pesquisas e intercâmbios entre pesquisadoras e pesquisadores de instituições amazônicas e panamazônicas e as parcerias com profissionais de instituições de outras regiões e países.

Assim como assinalamos do primeiro volume, este é um "projeto em aberto – em todos os sentidos – ou, como preferimos, um projeto a ser escrito e reescrito infinitamente, porque somos habitantes de mundos que se transformam ao se encontrarem com outros mundos. Nesse contínuo enlace, não temos receios do inesperado ou das diferentes pessoas, comunidades, culturas e línguas que possam nos trazer o que não temos, nos dizer o que não sabemos, nos inspirar a descobrir a poética da vida, nos possibilitar a alegria do encontro mesmo quando nos desencontramos na secularidade de nossas experiências, fazeres e afazeres cotidianos".

Seguimos adiante e confiantes em nossa capacidade de intervenção coletiva e individual no aqui-lá de nossas jornadas acadêmicas e não-acadêmicas, reinventando discursos, textos e formas múltiplas de resistências e (sobre)vivências, reinventando sorrisos com a cara alegre da coragem, do destemor e da disposição em viver a vida, apreender as coisas, dizer palavras, ouvir silêncios.

Inverno amazônico de 2019. Gerson R. Albuquerque (UFAC) Agenor Sarraf-Pacheco (UFPA)



ACEIRO

palavra "aceiro" possui ao menos duas significações comuns, uma relativa ao aço - e derivada do latim *aciarium*¹ -, que não é a que nos interessa tratar neste verbete, e outra, direcionada ao hábito de fazer um corte na vegetação para "impedir" a passagem do fogo. É quanto a este segundo significado que trataremos de desenvolver. No Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa encontramos, como segunda definição para a palavra "aceiro", a seguinte descrição:

Aceiro. [Do gr. chérros.] S. m. 1. Terreno arroteado ou desbastado em volta das herdades, das matas e coivaras, para impedir comunicação de incêndios: "O aceiro aberto em direção da fazenda tinha cortado a troca do incêndio que o vento impelia naquele rumo" (José de Alencar, O Sertanejo, p. 44). 2. Bras., RJ e GO. Limpeza que se faz em torno de uma cerca de arame, a cerca de 1 m de distância de cada lado, para protegê-la contra o fogo por ocasião das queimadas. 3. Bras., GO. Pequena queimada que os viajantes fazem no campo, em trechos não determinados de seu trajeto, para descanso próprio ou dos cavalos.²

A prática assumida por todos os tipos de gentes que se utilizam da técnica de "aceirar" a terra para "evitar" que o fogo ou um "incêndio" se espalhe, tem sido apresentada nos dicionários e campos de significação de uma maneira quase "naturalizada", como se essa prática não possuísse, em seus meandros, intenções outras e motivações outras que não uma ação "preventiva" ou "salvadora" da terra, para evitar um mal maior provocado sem autoria.

Entretanto, quando adentramos o universo dos fazendeiros, criadores de gado - e portanto, formadores de pasto para atender à demanda do gado -, pequenos proprietários, plantadores de hortaliças, cultivadores de cana-de-açúcar, grandes produtores de trigo, etc., do pequeno ao grande, quase todos fazem uso do fogo como "técnica" preparatória da terra para seu cultivo, seja de matérias-primas alimentícias, seja para cultivo de pasto para gado.

Na mesma toada da definição de "Aceiro", o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa traz também a definição da ação relativa ao termo:

Aceirar. V. t. d. 1. Cortar (a vegetação) em volta da mata. 2. Cortar (o mato) nos extremos das herdades para demarcá-los e evitar comunicação de incêndios. 3. Andar à volta de; rondar. 4. Bras. Rodear, observando, trocando de posição para ver melhor. 5. Bras. Aproximar-se, espreitando de (alguém ou alguma coisa). 6. Bras. Olhar com cobiça [Cf. acerar.].

Igualmente, como feito na descrição do termos "Aceiro²", anteriormente citado, o dicionário naturaliza o ato de demarcar para "evitar comunicação de incêndios", transformando o ato de "acerar" em um uma ação totalmente desprovida de intenção por parte daquele que faz o "aceiro", expressando uma passividade na ação que não encontra reflexo nas descrições práticas feitas por grande parte daqueles que, vivendo da terra, lançam mão do aceiro para preparar a terra para receber certos tipos de plantio ou pasto.

Os demais dicionários consultados trazem uma malha repetitiva do conceito dado anteriormente e igualmente naturalizado e naturalizante do conceito da palavra, como vemos no Dicionário Criativo:

¹ Michaelis, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa.

² Ferreira, Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.

Aceiro. s.m. (substantivo masculino) **1**. Parte da terra desbastada em volta de propriedades rurais para evitar a propagação de queimadas³; no Educalingo: **Aceiro** é o desbaste de um terreno em volta de propriedades, matas e coivaras, para impedir propagação de incêndios, etc.⁴; no Dicio, Dicionário Online de Português: substantivo masculino. Espaço desbastado de vegetação, que se abre em torno das residências rurais ou à margem de um trecho conflagrado por incêndio nas matas, para impedir a propagação do fogo.⁵; do Michaelis online:

a cei ro. sm. 1 Espaço desbastado de vegetação, aberto ao redor de residências rurais, lavouras ou à margem de terrenos, ferrovias ou rodovias que cruzam florestas, para evitar o perigo de incêndio ou impedir sua propagação; atalhada: "Em alguns lugares — um claro limpo, cuidadosamente varrido, um aceiro para que os incêndios não atingissem os entrincheiramentos" (EC). 2 REG (GO, RJ) Desbaste de terreno perto de cerca de arame para evitar incêndio. 3 REG (GO) Queima de mato ao redor de acampamentos de viajantes para proteção contra formiga, cobras etc.

Como podemos observar em todas as citações acima, há uma naturalização generalizada do uso da palavra "aceiro" para se referir a um ato sem autoria de incêndio ou queimada, como se estes eventos fossem sempre espontâneos e não motivados, não intencionais, portanto sem rosto e sem culpabilidade. Na citação feita acima do Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, chegamos a ver uma citação literária que do livro "O sertanejo", de José de Alencar, que naturaliza tanto o termo que aponta apenas a ação da natureza, simbolizada pelo vento, como instrumento de propagação do incêndio, contexto em que a palavra "aceiro" é usada na obra. Além do fato de o dicionário usar uma abreviatura em diversos momentos que expressa mais ainda esta naturalização, que é a sigla "Bras.", Brasileirismo.

Assim, vamos percebendo como as narrativas são tecidas e criadas para construir os conceitos, como a linguagem constitui as realidades visíveis e as realidades que se pretendem sejam vistas. Vemos o discurso sendo organizado para construir um sentido outro para as coisas, a fim de que as histórias, tensões, interesses, intenções, ações, políticas e vivências, que constituem parte intrínseca e indissociável de uma prática, de um fazer relativo às atividades que se relacionam ao campo, sejam re-significadas para retirar os estratos sociais da responsabilização à ação.

Também quando recorremos a um dicionário etimológico, encontramos uma origem grega (distinta da primeira significação encontrada no Dicionário Michaelis online - de origem latina), que aponta na mesma direção da informação dada pelo Dicionário Aurélio, que é palavra χ□ ρρος (chérros), que pode ser traduzida como "… um continente; também um país em estado de deserto; um país desértico ou incultivado". Esta definição nos remete apenas à ideia de uma área que foi "esvaziada" ou que é "naturalmente" desértica, sem que alguém tenha exercido qualquer ação direta na intenção de torná-la assim.

Quando nos voltamos para a realidade prática dos "aceiros" praticados, especialmente nas fazendas e colônias (como são chamadas as pequenas propriedades para criação de gado, plantio ou subsistência em nossas proximidades), o que encontramos na realidade não é o que a linguagem até aqui apresentada nos oferece. Ao contrário, é um ato diligentemente programado para um fim, visando o maior lucro operacional para preparar a terra para receber sementes ou pasto novo.

Ainda que haja um novo discurso "tecnicista" sendo difundido já há algum tempo entre os pecuaristas e produtores rurais, de que é possível empregar "novas tecnologias" no uso "racional" da terra, para evitar as queimadas (conforme visto em artigo na página oficial do Governo do Acre no ano de 2015)⁷,

³ Dicionário Criativo.

⁴ Educalingo.

⁵ Dicio, Dicionário Online de Português.

⁶ Donnegan, A New Greek and English Lexicon, 1981, p. 1330.

⁷ Badaró, Assistência técnica é alternativa para evitar queimadas e desmatamento, 2015.

quando se trata de custo operacional e investimento efetivo para custear esta nova "tecnologia", a escolha prática continua sendo a queimada.

A ideia divulgada pelo Governo do Acre (pelo menos no ano de 2015, conforme artigo citado) é de que é possível fazer um trabalho tecnológica com o assessoramento de engenheiros agrônomos, técnicos agrícolas, técnicos agroflorestais, zootecnistas, assistentes sociais e engenheiros florestais, de maneira a instruir a melhor solução para cada situação agrícola, a fim de evitar queimar o terreno.

A pergunta mais evidente em torno deste tema é: por que as pessoas queimam propriedades? A resposta está na necessidade de preparar a terra para receber semente nova ou pasto novo, sem as ervas daninhas, que também crescem naturalmente na terra. Como as ervas crescem, em média, mais rapidamente do que o pasto ou do que algumas sementes de plantio, o trabalho constante para livrar a boa semente da má semente não é possível num primeiro momento dos plantios. É necessário esperar a semente crescer. Quando isto acontece, as ervas daninhas já tomaram conta do terreno.

A maneira mais rápida de "acabar" com as ervas daninhas e permitir que o solo receba bem as novas sementes, que crescerão mais rapidamente e livres das ervas daninhas, é queimando o terreno, ainda que esta prática, reconhecidamente, enfraqueça o solo. A questão tecnicista volta à baila no fato de que seria preciso fazer uma medição da terra e verificar que minerais estão enfraquecidos ou ausentes e fazer a compensação para receber a nova semente ou novo pasto. Entretanto, novamente vem o obstáculo financeiro para fazê-lo. Assim, a alternativa "queimada" volta ao horizonte de todo produtor rural, pequeno, médio ou grande. Neste ponto, os "aceiros" voltam ao centro do debate.

Como fazer queimadas "controladas", posto que as propriedades são muito próximas, muitas vezes separadas apenas por uma cerca feita de estacas de madeira (material naturalmente inflamável) e arames lisos ou farpados, normalmente pensadas para limitar a terra, ao mesmo tempo que para evitar que animais de maior porte passem para as terras vizinhas? A resposta mais comum a esta pergunta é fazer um "aceiro".

Dentro dos "acordos" ou "códigos de ética" do campo, cada vizinho é responsável pelo "aceiro" do seu lado, que deve medir distância mínima de 01 (um) metro de largura, cobrindo toda a extensão dos limites da propriedade ou da área demarcada para ser queimada. Sendo assim, um "aceiro" de dimensões comuns, deve ter um metro para cada lado da cerca para garantir maior segurança na queimada. Outra razão apontada por quem já fez um "aceiro" é que o aço utilizado nas cercas é temperado no fogo. Se for atingido pelas chamas, estraga e perde sua função de contenção, o que se torna um grande prejuízo para o dono da propriedade, visto que o aço é caro e não compensa refazer cerca em curto espaço de tempo.

Este "acordo" ou "código de ética" indica que, se um dos vizinhos não fizer o "aceiro" do seu lado e a queimada proposital passar para o seu terreno, aquele que iniciou a queimada não é responsável por ela e, portanto, estará isento de pagar os eventuais prejuízos de uma queimada que ultrapassou os limites e "invadiu" sua propriedade. Este combinado entre vizinho mostra também que, ao contrário do que sugerem as definições sem personificação, que há consenso a respeito do ato de queimar entre os vizinhos envolvidos. Não apenas consentimento, mas conhecimento explícito do fato e, eventualmente, apoio ao ato de queimar.

Se compreendemos que não há esta naturalização sugerida na descrição vocabular do termo conforme visto acima, cabe-nos agora analisar as questões discursivas que permeiam estes significados dados, em contraste com as práticas realizadas pelos proprietários destes terrenos onde se faz necessário queimar para preparar adequadamente a terra para as respectivas plantações ou preparo do terreno para receber gado, seja em pequenas ou em grandes quantidades.

Nos dizeres de Foucault,

...em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.⁸

Isto quer dizer que uma "simples" definição dicionarizada reflete um conjunto discursivo que pretende controlar uma prática, selecionar indivíduos "bons" e "maus", "ordeiros" e "desordeiros", organizando o espaço natural e o espaço criado, tornando invisível aos olhos o que é produzido pela ação do homem e tornando em elemento "natural", redistribuindo os procedimentos e tornando uma ação que, comumente, nada mais é do que uma ação direcionada para extrair o maior proveito de um terreno, em uma ação "heróica" de defesa da "natureza", da floresta, técnica de "prevenção" de incêndios cujas origens não são localizadas na ação do homem, mas que acontecem quase que "espontaneamente" ou pela ação não intencional de viajantes de beira de estrada que, ingenuamente, modificam o cenário e começam um fogo "sem culpa".

Estas ações estão na ordem de um discurso que pretende reorganizar o espaço, a vida, o fato, as pessoas, tudo pela linguagem. O que se diz, muito menos do que como se diz, é o que está em jogo quando se busca estas definições repetidas à exaustão, copiadas entre si, suavizadas e orientadas para mudar o olhar daquele que vê a situação e, dentro da situação, re-significa a ação de quem promove o acontecimento. Como se tivera sido escrito para descrever esta ação em particular, Foucault fala em "esquivar sua pesada e temível materialidade".

Como na proposta de análise do discurso feita por Foucault, primeiro se propõe a fazer o conjunto "crítico" e, de outra parte, o conjunto "genealógico", também segue o curso de nossa compreensão sobre uma análise etimológica tentando retomar o sentido "genealógico" da definição constituída da palavra, e depois fazendo a análise do conjunto "crítico", tentando perceber os discursos entretecidos e cristalizados no interior do conceito.

Somente após esta percepção temos a condição necessária de inferir outro significado ao "aceiro" apontado como protetor ambiental e florestal, e começar a olhar para o "aceiro" como prática dos proprietários de terrenos que, visando ao melhor custo-benefício, às vezes apenas por razões econômicas, às vezes por falta de opção, escolhem o caminho da queimada como solução a um problema muito particular da sua realidade de trabalho/subsistência, que os coloca na condição de atores ativos e não sujeitos assujeitados do processo descrito no uso da palavra e na contação da prática que remete à palavra.

O discurso sobre a ação não dá conta de preencher os papéis desempenhados por todos os sujeitos e todas as situações. Não consegue incluir a positividade ou negatividade exercida por aquele que, voluntariamente, conscientemente, por vezes correndo o risco de ser multado pelo IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis ou IMAC - Instituto de Meio Ambiente do Acre (no caso do estado do Acre). Mesmo sendo a multa medida duramente em quantidades de hectares queimados, variando entre R\$1.000,00 (mil reais) e R\$1.500,00 (mil e quinhentos reais), a depender da tipificação da queimada enquadrada na Lei de Crimes Ambientais – Lei n. 9605 de 12 de fevereiro de 1998.

O contraste entre a quantidade de focos de incêndios apontado pelo INPE - Instituto Nacional de pesquisas espaciais, passando da casa dos 1.806.600 (um milhão, oitocentos e seis mil e seiscentos) no ano de 2018, 10 versus um número de multas aplicadas pelo IBAMA que não acompanha o mesmo efetivo, nem mesmo de longe. Isto nos faz supor que os proprietários medem os riscos e preferem o "delito" à lei ambiental, sem falar em situações em que a lei fala sobre "autorização" para algumas ações, apontadas pelo

⁸ Foucault, A ordem do discurso, 2008, p. 8-9.

⁹ Foucault, A ordem do discurso, 2008, p. 60.

¹⁰ INPE, 2019.

IBAMA também em sua seção de formulários de autos de infração, expondo que há certas situações/quantidades de terreno em que se pode obter autorização para queimar "legalmente".

Estas situações combinadas nos dão a noção de que o termo "aceiro", tal como descrito e definido pela maioria dos dicionários e veículos, não contempla as práticas, versões e subversões realizadas pelos indivíduos que, diante de situações heterodoxas, lançam mão do artifício que lhes está disponível, a realização de queimadas para diversos propósitos ligados ao uso da terra.

Compreendendo o que nos diz Bauman ao afirmar que

a "identidade" só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, "um objetivo"; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais - mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa deva ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente oculta.¹¹

A identidade dos proprietários envolvidos nesta prática não é tão oculta quanto os termos se propõem fazer parecer. São pessoas que estão escolhendo um posicionamento cotidiano que não nos permite colocar, genericamente, na categoria de transeuntes, passantes, viajantes, que "acidentalmente" ateiam fogo "involuntário" apenas para limpar uma área com propósito fortuito. Mas são pessoas que estão lutando por uma maneira de subsistir - em muitos casos, de existir - em outros tantos casos, de lucrar - em outros ainda, que sabem bem as razões porque colocam em prática a experiência milenar do fogo para "purificar" a terra que lhes dará o fruto/pasto buscado.

Assim, a análise que nos permite ser feita com estas informações é que não existe esta "naturalização" da ação do fogo sobre as propriedades onde há vegetação e floresta. Há indivíduos com conflitos familiares, éticos, institucionais, discursivos, fazendo escolhas, impondo posicionamentos, sendo agentes ativos dos atos , com objetivos bem definidos. É um descaminho escolher acreditar que o conceito da palavra "aceiro", amplamente repetido, tentando produzir um sentido outro, não consegue, por mais que se tente exercer pela força da linguagem, da palavra moldada, de significado constituído, consiga definir o que acontece toda e cada vez que um fogo é ateado em propriedades criadoras de gado ou produtoras de lavouras e plantios.

Nesta concepção, falta ao vocábulo a carga política, ideológica, propositiva, intencional que está, não poucas vezes, presente nos atos que levam os proprietários dos terrenos a implementar a técnica do fogo para conseguir um melhor resultado sobre a terra em relação ao pasto/plantio. Falta o elemento de escolha que faz do indivíduo envolvido na ação, dono de seus atos, senhor de suas decisões, responsável, para o bem e para o mal, pelas consequências de suas feituras, ao invés de escolher esta maneira sempre colonizadora de olhar para o indivíduo ou esta tentativa de ocultar/esconder as intenções, não raras, presentes nas ações de fogo nas terras produtivas.

Por fim, como tudo na linguagem é intencional, porque o signo é ideológico e arbitrário, seu sentido real escapa ao sentido imposto, imaginado, moldado, planejado, travestido, oculto tanto quanto às vezes explícito. Sua realização subverte a ordem discursiva que o arma e o monta para ser/ter um conectivo subjacente que tenta fazer amenizar o sentido do mundo, para que não sejam vistos ou percebidos os indivíduos da ação, com suas lutas, intenções, determinações, para que, por vezes, apareçam algumas identidades, mas outras sejam ocultas, não expostas, não reveladas, não mostradas, ao mesmo tempo que outras identidades sejam apagadas pela ausência de interesses naquilo que são e naquilo que reside o seu valor neste mundo de significações.

Os formulários do IBAMA e órgãos afins não conseguem fazer toda a apropriação que lhes é devida e que seria necessária, merecida, pelo lugar de lutas que ocupam no mundo, para serem entendidos,

¹¹ Bauman, Identidade, 2005, p. 21-22.

não apenas pela sua prática ou não prática de produzir queimadas nas terras suas e de outros. É preciso entender o sentido outro que se produz à partir de e não sobre o indivíduo. É preciso construir um significado/sentido que consiga alterar o lugar comum em que a linguagem tal qual concebida até aqui refaça e reconstrua o mundo daqueles que foram excluídos, eliminados, explicados, apagados, desculpados, culpados, evidenciados, escondidos pela linguagem constitutiva do termo "aceiro".

REFERÊNCIAS

ACEIRO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Disponível em: http://bit.ly/2RgFBZy. Acesso em: 30 Set. 2019.

ACEIRO. In: DICIONÁRIO Criativo. Disponível em: http://bit.ly/369nicU. Acesso em: 30 Set. 2019.

ACEIRO. In: EDUCALINGO. Disponível http://bit.ly/38s804w. 30 Set. 2019.

ACEIRO. In: MICHAELIS. Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em http://bit.ly/2GemGrM. Acesso em: 30 set. 2019.

BADARÓ, Leônidas. Assistência técnica é alternativa para evitar queimadas e desmatamentos. Agência de Notícias do Acre. Disponível em: http://bit.ly/38ukBUG. Publicado em 02 Jul. 2015. Acesso em: 30 Set. 2019.

BAUMAN, Zigmunt. Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

DONNEGAN, James. A New Greek and English Lexicon. Sec. Ed. London: J. F. Dove, 1981. Disponível em: http://bit.ly/2RdJLkJ. Acesso em: 30 Set. 2019.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. 15. imp. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, [1975?].

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 16. ed. São Paulo: Edições Lovola, 2008.

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS. Disponível em: http://bit.ly/37hBhia. Acesso em: 30 Set. 2019.

ROGÉRIO DE MENDONÇA CORREIA Mestre em Letras: Linguagem e Identidade (UFAC, 2011) Professor da Universidade Federal do Acre Centro de Educação, Letras e Artes